



HÁBITOS ALIMENTARES E SUSTENTABILIDADE: PERCEPÇÕES E VIVÊNCIAS DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Ciências para a sustentabilidade

Camila Maria Bandeira Scheunemann¹

Caroline Medeiros Martins de Almeida²

Roberta Dall Agnese da Costa³

Paulo Tadeu Campos Lopes⁴

RESUMO

Entre as temáticas evidenciadas no ensino de Ciências, uma que encontra significativa relação com as questões sustentáveis é referente à alimentação humana, perpassando pelas escolhas alimentares dos indivíduos. O objetivo deste artigo foi identificar, com base nos hábitos alimentares dos estudantes, suas percepções referentes à sustentabilidade relacionada à alimentação, em suas vivências pessoais e familiares. Se trata de uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso, que apresenta um recorte de uma pesquisa de mestrado realizada no decorrer dos anos de 2016 e 2017. Os participantes foram uma turma de alunos do oitavo ano do ensino fundamental de uma escola estadual de um município da região noroeste do Rio Grande do Sul. Os dados foram coletados a partir de questionários, dos quais serão apresentadas cinco questões, que mais se relacionam com a presente discussão. Constatou-se que, embora os participantes demonstrem algumas percepções da relação entre a alimentação com a sustentabilidade, ainda tais percepções se revelam frágeis e passíveis de maior aprofundamento. Quanto às suas vivências familiares e pessoais, demonstraram pouco envolvimento com a alimentação, o que os distancia de um processo reflexivo em relação à suas escolhas alimentares e suas consequências para a saúde e o ambiente.

Palavras-Chave: Alimentação. Hábitos alimentares. Sustentabilidade. Ensino de Ciências.

INTRODUÇÃO

O ensino de Ciências, campo de múltiplos saberes, abrange o estudo de temas relacionados à saúde e ao ambiente. Um dos assuntos que perpassa esses temas e encontra relação com a promoção da sustentabilidade, é referente à alimentação humana.

A sustentabilidade alimentar relaciona-se, entre outros aspectos, às escolhas alimentares, as quais encontram vínculo com os impactos ambientais gerados pela forma de produção do alimento, bem como os resíduos provenientes do consumo de alimentos, que podem gerar grandes quantidades de resíduos. Todas essas questões apontam a necessidade da reflexão quanto à alimentação numa perspectiva sustentável, que devem encontrar espaço no ensino de Ciências.

¹ Mestre e doutoranda em Ensino de Ciências e Matemática - PPGECIM/ULBRA. camila.b91@hotmail.com

² Doutora em Ensino de Ciências e Matemática /ULBRA. bio_logia1@hotmail.com

³ Doutora em Ensino de Ciências e Matemática/ULBRA. r.dallagnese@gmail.com

⁴ Doutor em Fitotecnia/UFRGS. Professor do PPGECIM/ULBRA. pclopes@ulbra.br



Neste contexto, tal enfoque se apresenta como imprescindível na busca pelo direito à alimentação adequada, em consonância com o cuidado ambiental (CINI *et al.*, 2018). A produção de alimento apresenta relação direta com fatores culturais, costumes e hábitos alimentares, além dos aspectos econômicos (SOGLIO, 2016).

Dessa forma, a alimentação abarca uma gama de questões, indo além do ato de comer, mas sim, se relaciona a uma cadeia de produção, em que estão envolvidos elementos da natureza, tecnológicos, financeiros e sociais (RIBEIRO *et al.*, 2017).

A partir desta perspectiva, o presente artigo buscou responder a seguinte pergunta: Quais as percepções e vivências de alunos do Ensino Fundamental sobre a alimentação, no que se refere à sustentabilidade em seu âmbito pessoal e familiar? Com o intuito de buscar indícios que pudessem responder essa pergunta, o objetivo deste artigo foi identificar, com base nos hábitos alimentares dos estudantes, suas percepções e atitudes referentes à sustentabilidade relacionada à alimentação em suas vivências pessoais e familiares.

ALIMENTAÇÃO E SUSTENTABILIDADE

A alimentação e a sustentabilidade assumem diversas ligações, sendo ambas relacionadas e dependentes de transformações no sistema alimentar para serem alcançadas (RIBEIRO *et al.*, 2017). “O debate em torno das diferentes formas possíveis de produção de alimentos demonstra [...] disputas que envolvem a noção de sustentabilidade” (LOURENÇO *et al.*, 2016, p. 53). A sustentabilidade alimentar, apesar de utópica, pode contribuir para minimizar o atual sistema insustentável (MIYAZAWA; FRENEDOZO, 2017).

A temática alimentar envolve uma multiplicidade de fatores, dos quais é necessária a compreensão, através da educação para a sustentabilidade, buscando integrar temas como saúde e ambiente, almejando sensibilização para tais questões, entendimento essencial para este século (RODRIGUES *et al.*, 2011).

A produção de alimentos, quanto a dimensão ambiental, traz em si problemáticas como a utilização de insumos químicos, com consequências como a poluição, seja da água, solo ou ar, promovendo o desgaste de tais recursos (AZEVEDO; PELICIONI, 2011). Dessa forma, observa-se uma resistência na adesão de estratégias em prol de uma agricultura sustentável vinda por parte dos setores econômicos relacionados com a agricultura moderna (SOGLIO, 2016).



Observar a sustentabilidade da alimentação, a partir das diferentes etapas de seus processos, como o plantio, a distribuição, os resíduos, permite significar as variadas relações presentes do ponto de vista político, econômico e ambiental referentes a este processo (RODRIGUES *et al.*, 2011).

METODOLOGIA

Esta pesquisa, de cunho qualitativo, inserida na modalidade estudo de caso, teve como sujeitos envolvidos 15 alunos de uma turma de oitavo ano do Ensino Fundamental de uma escola estadual da região noroeste do Rio Grande do Sul. Trata-se de um recorte de uma pesquisa de mestrado desenvolvida durante os anos de 2016 e 2017.

Os dados foram coletados por meio de dois questionários compostos por perguntas abertas. Neste artigo, serão apresentadas cinco perguntas, provenientes desses questionários e que se mostraram como as de maior contribuição para a presente discussão. Os participantes foram preservados quanto a sua identidade e, neste caso, quando da transcrição de respostas no decorrer do artigo, foram identificados com a letra A, de aluno, seguido de um número. Os dados foram analisados com base na Análise de Conteúdo de Bardin (2011).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A elaboração de estratégias em prol de uma alimentação adequada, tanto para a promoção da saúde humana quanto do ambiente, pode começar com a investigação dos hábitos alimentares, os quais podem explicitar as percepções e concepções dos discentes a respeito desta temática.

Os participantes foram questionados, na pergunta um: “Você considera importante discutir e aprender sobre hábitos alimentares? Por quê?”, com respectiva categorização no Quadro 1:



Quadro 1 – Importância em discutir/aprender sobre hábitos alimentares.

CATEGORIA	SUBCAT. PRIMÁRIAS	n	RESPOSTAS (%)	ALUNOS (%)
Importância em discutir/aprender sobre hábitos alimentares	Saber cuidar da saúde	4	26,7	26,6
	Aprender a se reeducar/ o que ingerir no dia a dia	4	26,7	26,6
	Para ter uma alimentação saudável/adequada	3	20,0	20,0
	Desconhecimento das práticas saudáveis	2	13,2	13,3
	É o que nos proporciona força e disposição	1	6,7	6,6
	Pois alguns comem mais que o necessário	1	6,7	6,6
Total		15	100	-

Fonte: a pesquisa.

Com base no Quadro 1 percebe-se que os alunos acreditam ser importante discutir e aprender sobre alimentação, por questões referentes à saúde, o que explicitam subcategorias primárias como “saber cuidar da saúde” [f(%)=26,7] e “para ter uma alimentação saudável” [f(%)=20].

Logo, é essencial proporcionar estratégias que culminem com a educação nutricional dos adolescentes, a fim de que possam escolher as opções mais saudáveis (MOLIN; SOARES, 2016).

A ampliação da autonomia nas escolhas de alimentos implica o fortalecimento das pessoas, famílias e comunidades [...] desenvolvendo a capacidade de autocuidado e de agir sobre os fatores do ambiente que determinam sua saúde (BRASIL, 2014, p. 21/22).

No entanto, não foi evidenciada entre as respostas nenhuma menção quanto à importância em discutir sobre a alimentação, no que se refere às problemáticas relacionadas com a produção, impactos e questões sustentáveis referentes a esse assunto, o que demonstra uma fragilidade quanto ao entendimento dos participantes sobre esse viés da temática.

Apesar disso, tais discussões revelam-se deveras significativas, uma vez que “o debate em torno das diferentes formas possíveis de produção de alimentos demonstra bem essas disputas que envolvem a noção de desenvolvimento sustentável” (LOURENÇO *et al.*, 2016, p. 53).

A pergunta dois, “Em sua casa, as pessoas costumam conversar a respeito dos hábitos alimentares que a família possui? Há um planejamento das refeições?”, têm sua categorização representada no Quadro 2:



Quadro 2 – Diálogo familiar sobre hábitos alimentares e planejamento familiar das refeições.

CATEGORIAS	SUBCAT. PRIMÁRIAS	n	RESPOSTAS (%)	ALUNOS (%)
Diálogo familiar sobre hábitos alimentares	Sem resposta	7	46,7	46,7
	Não dialogam	5	33,3	33,3
	Dialogam	2	13,3	13,3
	Não sabe	1	6,7	6,7
Total		15	100	-
Planejamento familiar das refeições	Não há planejamento	5	33,7	33,7
	Sem resposta	4	26,7	26,7
	Família não faz as refeições em casa	1	6,6	6,6
	O médico fala o que a família precisa ingerir	1	6,6	6,6
	A mãe faz o que fica mais prático para ela	1	6,6	6,6
	A maioria dos almoços são arroz e feijão, no domingo é churrasco	1	6,6	6,6
	Jantar deve ser fruta	1	6,6	6,6
	Temos que comer alimentos com salada	1	6,6	6,6
Total		15	100	-

Fonte: a pesquisa.

De acordo com o Quadro 2, em relação ao diálogo familiar sobre os hábitos alimentares, 33,3% dos participantes demonstram não ter esse costume, sendo que apenas dois alunos [$f(\%) = n(\%) = 13,3$] mencionaram esta prática. Este dado apresenta-se como preocupante, pois a família é um dos principais meios de influência quanto à construção dos hábitos alimentares.

A família desempenha papel importante quanto à alimentação, pois mesmo que na escola estejam sendo trabalhadas as questões nutricionais adequadas, as crianças e adolescentes, em casa, têm a experiência cotidiana com a alimentação. Por isso, cabe proporcionar integração entre a família e a escola no que tange à construção dos hábitos alimentares (PEREIRA *et al.*, 2017).

O compartilhamento do planejamento das refeições, bem como do preparo, são hábitos saudáveis que proporcionam o convívio, envolvem os jovens e permitem com que aprendam de onde vem os alimentos e como são produzidos, oportunizando a aquisição de responsabilidade quanto a este ato (BRASIL, 2014).



Quanto ao planejamento familiar das refeições, [f(%)= n(%)= 33,7] dos participantes mencionaram a não ocorrência desta ação. Aqueles que responderam de maneira afirmativa mostraram-se confusos, indicando que, se esta prática se realiza, eles pouco devem participar da mesma, fato que pode ser verificado em resposta como:

Não sei, porque eu almoço na minha vó e normalmente não falamos sobre isso, ou se falamos é quando eu não estou por perto (A2).

Corroborar a resposta do aluno A3, o qual menciona ser responsável pelo preparo de suas refeições e de realizá-las sem a supervisão de um membro da família responsável:

[...] minha família não come em casa, eu sou responsável pelo meu almoço (quase sempre) e almoço sozinho (A3).

Este relato evidencia o que Cardoso e Belo (2015) mencionam, ao dizer que a algum tempo as refeições eram vistas e vivenciadas como momentos de convívio familiar e que hoje não se observa de forma tão assídua estes costumes em função das mudanças familiares e sociais ocorridas, o que acaba resultando na ingestão de alimentos de fácil acesso e preparo, mas que, em geral, contém muitas gorduras.

A falta de envolvimento com as refeições acaba, também, por distanciar os indivíduos de um processo reflexivo, em relação à escolha dos alimentos e as consequências de tais escolhas de consumo, tanto para a saúde, quanto para o ambiente.

Neste contexto, observa-se um grande consumo alimentar fora do âmbito familiar e domiciliar, que aumenta de acordo com a renda (SICHIERI, 2013). A partir disso é relevante o resgate das refeições em família, sempre que possível, ou em companhia de amigos, colegas, pois somos por natureza seres sociais, cujo hábito de se alimentar em grupo é histórico e importante para criar laços pessoais, sendo, portanto, parte natural da vida social (BRASIL, 2014).

Na pergunta três os participantes foram questionados sobre: “Na sua casa, existe horta e/ou pomar ou o cultivo de algum tipo de alimento que é utilizado na alimentação da sua família? Comente.”, cuja categorização se encontra no Quadro 3:



Quadro 3 – Cultivo de alimentos pela família.

CATEGORIA	SUBCAT. PRIMÁRIAS	SUBCAT. SECUNDÁRIAS	n	RESPOSTAS (%)	ALUNOS (%)
Cultivo de alimentos pela família	Horta	Tempero verde	5	22,9	33,3
		Tomate	1	4,5	6,6
		Verduras	1	4,5	6,6
		Espinafre	1	4,5	6,6
		Couve	1	4,5	6,6
	Pomar	Bergamota	1	4,5	6,6
		Laranja	1	4,5	6,6
		Ameixa	1	4,5	6,6
	Chácara/área rural	Leguminosas	2	9,3	13,3
		Criação de gado	1	4,5	6,6
		Criação de peixes	1	4,5	6,6
		Mandioca e batata	1	4,5	6,6
		Cana-de-açúcar	1	4,5	6,6
	Não cultivam		4	18,3	26,6
Total			22	100	-

Fonte: a pesquisa.

A pergunta três apresentou respostas diversas, evidenciando o cultivo de alimentos em ambientes distintos, como em horta, pomar e chácara, de acordo com as subcategorias primárias estabelecidas. O plantio em horta foi o que mais se destacou, principalmente quanto ao cultivo de tempero verde [f(%)=22,9]. Apenas quatro alunos mencionaram que a família não cultiva nenhum tipo de alimento.

Estes dados podem ter relação com dois fatores. Primeiro, a economia do município, baseada principalmente na produção agrícola; neste caso, alguns dos participantes são moradores ou possuem terras em meio rural e convivem constantemente com a produção alimentícia, como evidenciado nas respostas:

Existe uma chácara com criação de gado, grande cultivo de frutas e legumes, muitos hectares de terra na qual se planta milho, soja e trigo e açudes com criação de peixes (A2).

Não em casa, mas no interior onde temos as nossas terras e na casa dos meus avós, nós consumimos grande parte (quase tudo) do que é cultivado (A13).

Outro fator estaria relacionado com o tipo de habitações predominantes no município, em sua maioria casas, o que proporciona maiores possibilidades de cultivar uma horta, comparado com apartamentos. Assim, é costume de grande parte dos habitantes do município o cultivo de uma horta para consumo próprio, o que foi verificado em resposta como:



Sim, lá é produzido geralmente hortaliças e vegetais, temos uma horta para evitar comprar alimentos com conservantes (A9).

Para a pergunta quatro “Você sabe qual a procedência (origem) dos alimentos que você consome? Você considera importante ter esta informação? Por quê?”, foi estabelecida a categorização representada no Quadro 4:

Quadro 4 – Importância de conhecer a procedência dos alimentos que consome.

CATEGORIA	SUBCAT. PRIMÁRIAS	n	RESPOSTAS (%)	ALUNOS (%)
Importância de conhecer a procedência dos alimentos que consome	Pois podem nos fazer mal/substâncias perigosas	4	25	26,6
	Saber se não têm agrotóxicos	3	18,7	20,0
	Saber de onde vem	3	18,7	20,0
	Saber como foi industrializado	2	12,5	13,3
	Sem resposta	2	12,5	13,3
	Saber a marca dos alimentos	1	6,3	6,6
	Saber se tem hormônios nas frutas e na carne	1	6,3	6,6
Total		16	100	-

Fonte: a pesquisa.

No Quadro 4 encontram-se algumas respostas relacionadas com a importância de conhecer a origem dos alimentos consumidos, em função de produtos que podem estar presentes em sua composição, como agrotóxicos, aditivos químicos e hormônios, o que indica que os participantes apresentam informações quanto à relevância deste conhecimento, perceptível em respostas como:

Não sei, mas seria importante saber, porque tem empresas que colocam hormônios nas frutas para ficarem maiores e na carne (A2).

Não, mas eu gostaria, pois devemos saber a origem, a produção, quais agrotóxicos foram usados, quais produtos ocupam, como foi industrializado daquilo que consumimos (A3).

Sim, pois precisamos saber a origem do alimento para nos certificarmos de que não tem nenhuma substância perigosa para o consumo humano (A9).

Neste sentido, 86,6% afirmaram considerar importantes estas informações, enquanto 13,3% não responderam. Além disso, 60% disseram saber a procedência dos alimentos que consomem, enquanto 33,3% expressaram não saber e 6,6% argumentaram saber apenas de alguns.



Dessa forma, é preciso levar em conta o questionamento sobre “que tipos de alimentos devem ser consumidos prioritariamente -, e, portanto, produzidos em maior quantidade - para que seja preservada a saúde da população” (SOGLIO, 2016, p. 24).

Na pergunta cinco os participantes foram questionados: “Considerando o ciclo alimentar, porque é importante refletirmos sobre quais alimentos escolhemos para ingerir (considerando aspectos de produção e referentes à saúde)?”. A categorização se encontra no Quadro 5:

Quadro 5 - Importância de refletir sobre quais alimentos ingerir.

CATEGORIA	SUBCAT. PRIMÁRIAS	n	RESPOSTAS (%)	PERGUNTAS (%)
Importância de refletir sobre quais alimentos ingerir	Saber escolher o que faz bem ou mal à saúde	12	42,8	80,0
	Para consumir alimentos naturais/orgânicos	5	17,8	33,3
	Para não consumir alimentos industrializados	5	17,8	33,3
	Para não consumir alimentos com agrotóxicos	3	10,8	20,0
	Para mantermos uma alimentação saudável	1	3,6	6,6
	Para a saúde do ambiente	1	3,6	6,6
	Para depois usar certos alimentos como adubo	1	3,6	6,6
Total		28	100	-

Fonte: a pesquisa.

Sobre a importância do entendimento das escolhas alimentares, a maioria das respostas (Quadro 5) reflete uma relação maior com a saúde humana do que com os problemas ambientais, que aparecem apenas nas últimas duas subcategorias primárias. Infere-se, com isso, que para os participantes a questão da saúde está mais evidente do que dos cuidados ambientais, e que para eles destaca-se como mais importante terem estes conhecimentos.

A primeira subcategoria secundária “saber escolher o que faz bem ou mal à saúde”, com frequência 12 [f(%)=42,8], manifesta a conscientização dos participantes sobre como os saberes referentes à alimentação podem influenciar na saúde.

Apenas a subcategoria “Para a saúde do ambiente (f=3,6%)” indica uma percepção referente à importância das escolhas de quais alimentos ingerir em função do cuidado com o ambiente, o que demonstra uma fragilidade quanto a este entendimento por parte dos alunos.



Portanto, é importante a compreensão de que as escolhas alimentares precisam ir além de saber o que se come, mas também sobre como este alimento foi produzido, o que amplia e interliga os conceitos de alimentação saudável e sustentável, pois estes se inter-relacionam (MONTEIRO *et al.*, 2015).

CONSIDERAÇÕES

Este artigo teve por objetivo identificar, com base nos hábitos alimentares dos estudantes, suas percepções e atitudes referentes à sustentabilidade relacionada à alimentação, em suas vivências pessoais e familiares.

A partir das respostas analisadas foi possível perceber que os estudantes, embora demonstrem uma percepção da relação entre a alimentação e sustentabilidade, ainda esta noção se apresenta de forma frágil e necessita de maiores aprofundamentos. Isso se revela a partir de indícios de suas respostas, como por exemplo, por não perceberem a importância em discutir alimentação em relação à problemática ambiental, por entenderem como mais importante a reflexão sobre quais alimentos ingerir considerando apenas a saúde e não o cuidado ambiental.

Em relação às suas vivências familiares e pessoais, demonstraram pouco envolvimento com a alimentação, em questões como o diálogo familiar sobre os hábitos alimentares e a falta de planejamento e preparo das refeições, o que os distancia de um processo reflexivo em relação às suas escolhas e hábitos alimentares e suas consequências.

Por outro lado, evidenciaram o envolvimento familiar na produção de alimentos, sendo que, em boa parte das famílias dos participantes existe o hábito de cultivo, especialmente em hortas, o que pode estar relacionado com o contexto em que vivem. Demonstraram preocupação quanto a presença de substâncias perigosas nos alimentos, originadas de seu processo produtivo, como os agrotóxicos, aditivos e hormônios. Estas percepções os permitem refletir sobre os processos produtivos e suas consequências para a saúde.

Esta pesquisa contribui por demonstrar a relevância no estudo dos hábitos alimentares dos estudantes, no que se refere às suas percepções sobre alimentação e sustentabilidade, à medida que as escolhas alimentares dos sujeitos refletem diretamente nos impactos em sua própria saúde e no ambiente.



Neste sentido, sugere-se novas pesquisas que busquem identificar o entendimento de estudantes sobre tal relação em outros contextos e com outros sujeitos, bem como o desenvolvimento de estratégias de conscientização em prol da educação alimentar para a sustentabilidade.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, E.; PELICIONI, M. C. F. Promoção da Saúde, Sustentabilidade e Agroecologia: uma discussão intersetorial. **Saúde e Sociedade**, v. 20, n. 3, p. 715-729, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v20n3/16.pdf>>. Acesso em: 09 maio 2018.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Guia alimentar para a população brasileira**. – 2ª edição. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_alimentar_populacao_brasileira_2ed.pdf>. Acesso em: 09 maio 2018.

CARDOSO, C. R.; BELLO, L. O. Promoção de hábitos saudáveis na infância através do Ensino de Ciências Naturais. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 10, Águas de Lindóia, SP – 24 a 27 de novembro de 2015. **Atas**. Disponível em: <http://www.abrapecnet.org.br/enpec/x-enpec/anais2015/lista_area_01.htm>. Acesso em: 09 maio 2018.

CINI, R.; ROSANELI, C.; CUNHA, T. Soberania alimentar na interseção entre bioética e direitos humanos: uma revisão integrativa de literatura. **Revista de Bioética y Derecho**. v. 42, p. 51-69, 2018. Disponível em: <http://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/view/992/1224>. Acesso em: 17 abr 2018.

LOURENÇO, A. V.; REIS, C. M.; VOLKMER, G.; WITT, J. R.; CARVALHO, N. F. **Desenvolvimento sustentável e agroecologia**. In: SOGLIO, F. D.; KUBO, R. R. (Orgs.) **Desenvolvimento, agricultura e sustentabilidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

MIYAZAWA, G. C. M. C.; FRENEDOZO, R. C. Educação ambiental crítica através de uma sequência didática sobre alimentação humana e sustentabilidade. **Enseñanza de las Ciencias**, n.º extraordinário, P. 3181-3187, 2017. Disponível em: <https://ddd.uab.cat/pub/edlc/edlc_a2017nEXTRA/16_-_Educacao_ambiental_critica_atraves_de_uma_sequencia_didatica_sobre_alimentaca.pdf>. Acesso em: 09 maio 2018.

MOLIN, V. T. S. D.; SOARES, F. A. A. Uso de seminários na disciplina de Química como estratégia para promoção da saúde. **Experiências em Ensino de Ciências**. v. 11, n. 1., p. 126-137, 2016. Disponível em:



<http://if.ufmt.br/eenci/artigos/Artigo_ID304/v11_n1_a2016.pdf>. Acesso em: 09 maio 2018.

MONTEIRO, C. A.; CANNON, G.; MOUBARAC, J. C.; MARTINS, A. P. B.; MARTINS, C. A.; GARZILLO J.; CANELLA, D. S.; BARALDI, L. G; BARCIOTTE, M.; LOUZADA, M. L. C.; LEVY, R. B.; CLARO, R. M.; JAIME, P. C. Dietary guidelines to nourish humanity and the planet in the twenty-first century. A blueprint from Brazil. **Public Health Nutrition**, v. 18, n. 13, p. 2311–2322, 2015. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/services/aop-cambridge-core/content/view/FDD994F83D72D8620C16C1956D08BB32/S1368980015002165a.pdf/dietary_guidelines_to_nourish_humanity_and_the_planet_in_the_twentyfirst_century_a_blueprint_from_brazil.pdf>. Acesso em: 09 maio 2018.

RIBEIRO, H.; JAIME, P. C.; VENTURA, D. Alimentação e sustentabilidade. **Estudos Avançados**. v. 31, n. 89, p. 185-198, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v31n89/0103-4014-ea-31-89-0185.pdf>>. Acesso em: 09 maio 2018.

RODRIGUES, L. P. F.; ZANETI, I. C. B.; LARANJEIRA, N. P. Sustentabilidade, segurança alimentar e gestão ambiental para a promoção da saúde e qualidade de vida. **Revista Participação**. n. 19, p. 22-28, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/participacao/article/view/6259/5857>>. Acesso em 09 maio 2018.

PEREIRA, T. S.; PEREIRA, R. C.; PEREIRA, M. C. A. Influências de intervenções educativas no conhecimento sobre alimentação e nutrição de adolescentes de uma escola pública. **Ciência e Saúde Coletiva**. v. 22, n. 2, p. 427-435, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v22n2/1413-8123-csc-22-02-0427.pdf>>. Acesso em: 09 maio 2018.

SICHERI, R. Consumo alimentar no Brasil e o desafio da alimentação saudável. **Revista ComCiência**. n. 145. Campinas, fev/2013. Disponível em: <<http://comciencia.scielo.br/pdf/cci/n145/07.pdf>>. Acesso em: 09 maio 2018.

SOGLIO, F. K. D. **A agricultura moderna e o mito da produtividade**. In: SOGLIO, F. D.; KUBO, R. R. (Orgs.) Desenvolvimento, agricultura e sustentabilidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.